



## Olga de Sá

A Revista de um grupo de Pesquisa de Estudos pós-graduados em Literatura e Crítica Literária se chamará KALÍOPE.

Que é Kalíope? Segundo o **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**, de Junito Brandão (Vozes, 1991), Kalíope era uma das Musas, normalmente aquela que as comandava e dirigia.

*Kallíope* é composto de um elemento 'kall' de 'kalos', 'bela' e de 'ops, opós', 'voz'. *Kalíope* é a que tem uma 'bela voz'.

Ainda, segundo Junito, as Musas, de início, não possuíam uma função específica, mas a partir da época Alexandrina (séc. IV a. C.), cada uma das filhas de Zeus passou a presidir uma criação do espírito humano. Kalíope é apontada tanto como inspiradora da poesia lírica quanto da épica. Em muitas versões, unida ao deus rio Eagro, foi mãe de Orfeu.

Alguns mitólogos asseguram que gerou as Sereias. Ensinou o canto a Aquiles. Funcionou como árbitro entre Afrodite e Perséfone, na disputa por Adonis.

Kalíope é a deusa da Literatura. Principalmente, por isso, a escolhemos como título de nossa Revista.

Contos e romances, poemas e crônicas, de tal forma se distanciam de suas características de origem, que nos questionamos se ainda é possível salvar o conceito de gênero. Como declara Clarice Lispector: gênero não me pega mais.

Essa perspectiva serve de fundamento às abordagens da equipe de pesquisa, desde 2003. A Equipe, em 2006, compôs-se de 15 participantes: 4 doutores, 3 doutorandos, 8 mestrandos.

Em 2007 foram. Mas os ensaios aqui reunidos, embora cada pesquisador aprofunde seu próprio tema, têm como denominador comum o objetivo de analisar as categorias da narrativa, na obra de que trata o pesquisador.

Todos os artigos deste número visam, direta ou indiretamente, ao leitor e às personagens, como objeto de pesquisa, que um dos grupos de estudos, do Programa de Estudos pós-graduados em Literatura e Crítica Literária, coordenado pela Profa. Olga de Sá, realizou em 2007.

O artigo de Alexandre Pianelli Godoy “Os fios do vestido: uma leitura historicista de Nelson Rodrigues”, baseada na peça “Vestido de noiva” de 1943, tenta ligar o texto ao contexto histórico, salutando, nessa chamada leitura histórica, a impossibilidade do moderno e da modernidade, no Brasil, dos anos 40 e quiçá, de hoje.

Um leitor de crônicas, como Gerson Tenório dos Santos, problematiza, o tempo da crônica, que não visa a retratar somente o mundo real, mas a visa a instaurar momentos de grande lirismo e poesia, sublinhando nossa angustiante relação com o tempo desgastante do cotidiano. “Desconstruindo Sísifo, tematiza assim os grandes mitos da cultura.

O tempo perdido e o tempo redescoberto são também motivos levantados pela leitura de Rita de Cássia Oliveira, ao focar a obra de Proust, segundo Paul Ricoeur. Lembranças e reconhecimentos caracterizam o tempo perdido. O tempo redescoberto assinala a vocação do herói para a escrita. O pronome pessoal eu convoca a vida e o caráter de Proust, para expressá-los por meio das personagens do romance.

Um leitor testemunha é capaz de esclarecer a complexa diferença entre romance e conto, analisando a construção da narrativa de “O barril de Amontillado” de Poe, como o faz Antonia Marisa Rodrigues Brandão.

Finalmente a teoria da recepção de Sauss, que tem como protago-

nista o leitor é apresentada por Olga de Sá, visando a colocar os fundamentos históricos e teóricos dessa atitude crítica que privilegia o leitor, em vez do enfoque tradicional, que sempre escreveu a História da Literatura, como uma história de autores e obras.

Com este número 5 de **Kalíope**, socializamos nossas pesquisas de grupo e esperamos contribuir, cada um com seu tema especial, para o avanço dos estudos críticos sobre o leitor e as personagens da narrativa.